

## A TRANSFERÊNCIA E SEU MANEJO CLÍNICO

*Nilda Martins Sirelli*<sup>1</sup>

**RESUMO:** Freud ressalva que as únicas dificuldades realmente sérias que o analista tem de enfrentar residem no manejo da transferência. A partir da apresentação de um caso clínico, discutimos a importância desse manejo, por ser prenhe de consequências, e isso para o melhor e para o pior. É por esse manejo que uma análise pode acontecer, mas é também por meio dele que esse mesmo processo pode ser interrompido. Lacan esclarece que o analista não ocupa lugar de sujeito, e sim de objeto causa de desejo, suporte dos investimentos do analisante, este sim sujeito, que aí está para comparecer com suas questões. Porém, a experiência da transferência nos deixa a deriva, e a única recomendação que Freud nos dá, é que algo desse investimento direcionado ao analista só pode vir a ser manejado pela experiência de sua própria análise, via de não tentar reatar o que se escuta com a conservadorismo de nossa realidade psíquica

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise. Transferência. Manejo clínico.

---

<sup>1</sup> Psicanalista, graduada em psicologia pela UFJF, mestre em Psicologia pela UFSJ e doutoranda em Memória Social pela UNIRIO. É professora do curso de Psicologia da Estácio – Macaé.

“as únicas dificuldades realmente sérias que tem de enfrentar residem no manejo da transferência” (FREUD, 1914[1914]/1989, p. 208).

O que será que Freud quer nos dizer ao enfatizar que as únicas dificuldades realmente sérias que o analista tem de enfrentar residem no manejo da transferência? Pelo que pude extrair da minha experiência clínica, diria que o manejo da transferência é algo realmente sério, por ser prenhe de consequências, e isso para o melhor e para o pior. É por esse manejo que uma análise pode acontecer, mas é também por meio dele que esse mesmo processo pode ser interrompido.

Como Freud (1912/1989) salienta, “a transferência é necessariamente ocasionada durante o tratamento psicanalítico”, e ela consiste no modo como cada sujeito se relaciona e se posiciona diante de seus objetos amorosos, modo que se constitui a partir do que cada sujeito pode tecer da sua história, forjando uma relativa unidade e consistência, um suposto “ser”. Ainda com Freud, esse “clichê estereotípico” é constantemente reimpresso, sendo, portanto, repetido com o analista, ao que a psicanálise aposta nessa repetição em ato, nessa atualização da realidade inconsciente, como possibilidade de tratamento, e de um possível deslocamento disso que aparece como verdade, e como único destino possível á aquele sujeito.

Freud (1912/1989) ainda ressalva que a transferência, “satisfaz a resistência” (p. 138), ou seja, se ela desvela o inconsciente, ela também revela a paixão pela ignorância própria a cada sujeito. Um não querer saber do que lhe é traumático, do que aparece como uma diferença que pode abalar a consistência forjada pelo eu, lançando o sujeito em um certo desamparo, mesmo que esse desamparo seja fonte de possibilidades, há uma propensão ao já conhecido.

Dessa forma, o manejo da transferência implica em operar também com a resistência, com a atitude fundamental de recuar diante do inconsciente, ao que cada sujeito se utiliza de estratégias próprias, que são material a ser trabalhado e acolhido pelo analista. Freud (1912/1989) adverte:

Não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente (p. 143).

Os fenômenos da transferência são, então, modo de recordação daquilo que é insuportável ao sujeito trazer a luz de outro modo, uma repetição em ato (FREUD 1914). E são por eles que o analista pode intervir. Porém, como Freud nos adverte inúmeras vezes, se por um lado falamos das dificuldades e resistências próprias ao paciente, não podemos nos esquecer que essas também se desvelam do lado do analista, uma vez que esse empresta sua pessoa à transferência, não podendo se esquivar dela e do preço a ser pago por ser seu suporte.

Podemos nos perguntar: como nos preparar para lidar com a transferência? Ao que Freud destaca que não há um manual a ser seguido, um curso acadêmico a ser realizado, ou mesmo um estudo sistemático que nos abra essa via. A experiência da transferência nos deixa a deriva, e a única recomendação que Freud nos dá, é que algo desse investimento direcionado ao analista só pode vir a ser manejado pela experiência de sua própria análise. E não se trata aqui de uma análise didática, como a muito se validou na psicanálise, não se trata da análise do analista, mas da análise do sujeito convocado a trabalhar, e a, como sujeito, se haver com suas próprias questões em um percurso de análise que não lhe trás nenhuma garantia, mas lhe possibilita um certo atravessamento do seu próprio ancoramento subjetivo e uma certa abertura para vida com tudo de revolucionário que ela porta. Certa vez Denise Maurano disse em uma supervisão: “a vida é revolucionária, o psiquismo é que é reacionário”. E essa a via que uma análise pode possibilitar, a via da revolução, de não tentar reatar o que se escuta com a conservadorismo de nossa realidade psíquica.

Lacan (1967-1968/s.d.) esclarece que o analista não ocupa lugar de sujeito, e sim de objeto, e não de um objeto qualquer, mas de objeto causa de desejo. O que quer dizer isso? Quer dizer que o analista não responde como sujeito, com suas questões, sua história, e sim como objeto causa de desejo, objeto oco, vazio, suporte dos investimentos do analisante, este sim sujeito, que aí está para comparecer com suas questões.

Então, ao analista cabe o lugar de objeto causa de desejo, e não de sujeito, e esse é o ideal para que uma análise se faça, porém o que aprendemos com a psicanálise é que o ideal sempre falha, é claudicante. A análise depende desse semblante de objeto, que não pode advir se não da própria análise, mas o analista, ainda que nessa função, tem um nome próprio, está assujeitado e dividido por um significante, é sujeito. Sujeito a angústia, ao tropeço, ao atropelo, a sair de sua função e aparecer, fazer sua entrada naquilo que lhe é dito.

E é desse lugar, de analista, mas também de sujeito que pretendo tratar um caso clínico, que me marcou de modo especial, por me lançar aos impasses do manejo da

transferência. Esse caso foi atendido ainda durante a graduação em Psicologia, no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora. Chamaremos a paciente de “Marina”. Marina chega ao “Centro de psicologia aplicada” e é encaminhada a um profissional, retorna dizendo que não gostou daquela mulher, e que queria ser reencaminhada. Assim me chega a paciente, a qual marquei nossa primeira seção ainda naquela semana. A paciente não comparece e me liga muito nervosa pedindo desculpas, pois tinha se “esquecido completamente”, mas diz que “precisava muito”, pedindo que remarcássemos. O que se repetiu nas duas próximas sessões. As primeiras sessões foram marcadas pela ausência, pelo esquecimento em comparecer, e o subsequente pedido de ajuda, tentando demarcar a urgência em estar ali. O esquecimento comparecia na mesma medida da urgência.

Na terceira sessão, ela me liga uma hora depois, para dizer do esquecimento e dizer que precisava ir ali, nesse dia pedi que ela fosse naquela hora, pois poderia atendê-la. Quando ela chega, diz “nossa que bota bonita, sapato de salto é muito mais bonito mesmo, né”, e se senta. Começa então a falar compulsivamente do filho, e diz estar ali por ele. Ao falar da adolescência do filho, pergunto por sua própria adolescência, ao que ela começa a falar do apelo que aparece nesse momento por saber quem é o seu pai, a quem nunca tinha conhecido, fala de alguns homens por quem se interessou, e na sequência me diz: “já me esqueci como é ser mulher”. Ao que pergunto se era disso que ela vinha se esquecendo. Ela sorri um pouco nervosa e surpresa e diz que sim. Termina a seção e digo que ali era um lugar para que ela pudesse se lembrar.

Com essa fala Marina ressignifica as sessões anteriores, demarcando do que efetivamente vinha esquecendo, e do que precisava lembrar ao pedir: “por favor, marque mais uma vez, não desiste de mim, to precisando muito mesmo”.

Retorna na próxima seção e diz “minha mãe era uma ama de leite”, e começa a falar de sua própria gravidez, e ao tentar dizer “me tornei mulher quando engravidei”, diz “me tornei mulher quando menstruei”, ao que recebe com riso o inesperado que se coloca na fala, e, quando pontua, ela diz: “é isso mesmo”.

Nessa sequência retoma sua adolescência dizendo ter sido um período muito difícil, nesse momento ela quis muito saber quem era seu pai. E dizia “todo mundo na escola tinha um pai e uma mãe, e eu não”. E relata constantes brigas com a mãe que sempre respondia suas perguntas com “não importa”, e o subsequente silêncio. Na busca pelo pai começa a falar de outros homens que foram entrando na vida dela, e dizia “eu era bonita, me arrumava, usava salto, eu só tinha sapato de salto”, e continua apontando para o sapato que eu usava no

momento: “esse sapato seu ai, não que seja feio, não, num é isso, eu não falaria isso, mas eu não usaria, porque eu só usava salto”.

Nas sessões que se seguem fala de um homem com quem se casou e teve dois filhos. Conta do nascimento dos filhos, e relata que o segundo filho (do qual ela chegou se queixando e trazia queixas recorrentes) quando nasceu era mesmo o filho sonhado: “ele era exatamente como tinha sonhado, sem tirar nem por”. E segue dizendo que ele não saía de casa, não tomava banho, e agora estava muito agressivo com ela. Falando do filho me diz entender o que se passa com ele, e fala de certa vez que ficou um mês sem tomar banho, e fala com algum regozijo: “minha vagina, você precisava ver, ficou assim cheia de muco, um cheiro... os cabelos todos grudados, um estado terrível”. O que ouço com algum mal estar.

E segue falando que o marido tratava mal os filhos, que eles se separaram porque “ele não está nem ai pros meus filhos”. E ao mesmo tempo diz “que ele não faz falta nenhuma”, mas que queria que ele “não visse os meninos nunca, porque ele só maltrata os meninos”. Paradoxalmente, fala que o ex-marido se casou de novo e teve uma filha, a quem segundo ela, ele tratava muito bem.

Em meio a esses dizeres, continua: “eu me perdi enquanto mulher”, e voltava a falar dos sapatos, das roupas, dos batons (dos dela e dos que eu usava no momento), e continuava “eu não me arrumo mais”.

Um dia ela me liga: “estou aqui na biblioteca municipal, quero pegar um livro pra ler, o que você acha que é bom pra mim?”. Eu, pega de surpresa e um tanto quanto embaraçada e apressada que estava no momento disse: “como assim?”, ao que ela retruca: “é, que livro eu posso pegar que vai ser bom, que eu vou gostar”. E eu falo: “vamos conversar sobre isso amanhã, na sessão”. E ela insiste “não, estou aqui na biblioteca agora”, eu apressadamente, querendo encerrar a questão, disse: “veja com o bibliotecário”, e desligo. Quando acabo de desligar o telefone me dou conta, não sem angústia, do meu não saber o que fazer diante daquela mulher que me pede “diga o que vou gostar”, “diga o que é bom pra mim”, e diante disso eu digo, “eu que vou saber, pergunta para outra pessoa, pra mim não”. A demanda não é mesmo pra ser respondida, a final, não era o livro que ela queria, e, portanto, qualquer resposta seria insuficiente, falha e só tamponaria a questão, ao que Lacan (1958/1998) fala que sustentar a demanda é deixá-la em aberto. Porém, ao dizer “pergunta para o bibliotecário”, não só retomei ao objeto livro, como se fosse disso que se tratava, como também me esquivei desse importante lugar que ela me apontava, lugar da transferência, lugar

da suposição de saber por meio do qual o sujeito demanda não o que pede, mas uma resposta que responda ao seu ser, que diga o que ele é.

Como Lacan salienta no texto “A direção do tratamento e os princípios do seu poder” (1958/1998), o analisante demanda do analista uma resposta – seja pela via de uma demanda de cura, de felicidade, de descobrir-se, de fazer-se analista, dentre infinitas possibilidades. Porém, se o analisante é frustrado por não obter uma resposta à sua demanda, ele será frustrado de qualquer modo, pois, mesmo que o psicanalista responda, o analisante saberá que são apenas palavras, e essas palavras não são o que ele demanda, ele demanda “outra coisa”, que não implica nenhum objeto objetivável. Ele demanda porque fala, causado o tempo todo por uma ausência de objeto. A demanda não é a de satisfação de uma necessidade, ela está no nível do desejo. O sujeito demanda o impossível, e na demanda, todo o passado se abre, porque o sujeito nunca fez outra coisa senão demandar, e o analista só entra na sequência. Em toda demanda, o que o sujeito pede é uma resposta ao que ele é, resposta que o Outro não tem. O analista, ao responder com um vazio, convoca o sujeito a se posicionar como desejante, a se haver com seu desejo e com o modo como se posiciona diante de seus objetos de investimento, entretanto, se ele responde, cala o desejo encerrando o sujeito em um lugar.

Marina entra de férias, e diz que iria passar duas semanas em um sítio, mas já deixa marcado o dia da próxima sessão. No dia e hora marcados ela não comparece, ao que ligo nos dias que se seguem, mas a ligação não é atendida. Ela aparece no CPA um dia que não o combinado e diz na recepção que eu a deixei esperando, que marquei e não compareci. Ao que sou chamada pela direção da instituição e advertida pelo meu suposto procedimento.

Ligo para Marina mais uma vez e digo “te esperei no dia e na hora marcados”, ela desconversa, e insisto “tentei ligar várias vezes, porque você não retornou?”, ao que ela responde: “não tem nenhuma ligação sua aqui... será que você ligou mesmo?”. Marcamos a próxima sessão, ao que me esqueço de ir atendê-la, e só me lembro ao final do dia. Liguei e marcamos a próxima sessão. Ela comparece e me comunica: “não venho mais”, e ao final da sessão, já na porta de saída ela diz “você é a mulher que eu perdi”, e vai embora.

Quando ela fala isso me causa um efeito de retroação e de angústia, do insuportável que ali se colocava para mim. E me remete a uma sensação ainda desconhecida com relação ao meu esquecimento, um pensamento que dizia: “você quer que eu esqueça, então vou te mostrar que eu também esqueço”, e não vou atendê-la, e mostro que eu não sou *A* mulher, desvelando ali minha inconsistência. Ao que ela me agradece, não sei bem se pelo que pode se deslocar ou pelo que mantive intocável com meu esquecimento, e vai embora.

Posteriormente fico sabendo que ela voltou a procurar a instituição falando sobre o filho, ao que foi acolhida com essa demanda, de tal modo que se discutiam nas supervisões de equipe o que se poderia fazer por aquele menino, e por aquela “mãe”.

Marina volta ao mesmo lugar em que chegou. Ao lugar de mãe, de “ama de leite”, de quem não importa com o pai, com a figura masculina, com o se fazer mulher seja pelo sapatos, pelas roupas, pelo batom. Lugar em que lhe é possível “esquecer” o que é ser mulher. Eis a resistência, o não querer saber de nada disso.

Esse caso me fez pensar no que Freud nos aponta com a frase que começo esse trabalho: “as únicas dificuldades realmente sérias que tem de enfrentar residem no manejo da transferência”. Lacan (1958/1998) nos aponta que o analisante transfere com seus próprios significantes e não com a pessoa do analista, mas que este último tem que pagar com sua pessoa, já que a empresta a transferência. Empresta seu corpo, seus sapatos, suas roupas, seu batom e o que mais o paciente quiser tomar dele; paga com suas palavras, pois sua palavra, sua intervenção, seu ato, seu esquecimento tem um peso, uma importância conferida pela transferência, pois é como Outro da transferência que se sua intervenção é validada; e paga com seu ser, tocando por vezes um ponto de angústia que lhe é insuportável.

E é dessa posição, de objeto causa, em torno do qual gira o estatuto do desejo, que o analista deve responder. Por isso, os sentimentos do analista só têm um lugar nesse jogo: o lugar do morto. Ao que Lacan ressalva que não se trata de cara amarrada e boca fechada, mas de não comparecer com seu desejo, mantendo aberta a demanda, de modo que o sujeito possa se haver com a posição de objeto que ele se fez para o Outro.

Assim, se o analista tem um lugar, é lugar de quem foi desalojado, e se apresenta como lugar vazio possível aos mais diversos investimentos. Se o analista mantém um lugar, seja ele qual for (um lugar de autoridade, de saber, de afirmação de si...), a análise não acontece, não se faz. O analista está aberto a todos os lugares que possam lhe ser investidos, e essa é a condição essencial para que uma análise aconteça.

Condição que por vezes parece impossível ao sujeito falante, esse que se constitui nomeado por um significante que vem lhe conferir um lugar no mundo. E cabe lembrar, que falamos aqui de impossível, e não de impotência. Diante do impossível não cabe o ressentimento, a reivindicação, mas sim o acolhimento e o se haver sempre com a própria angústia de, como sujeito, se prestar a condição de objeto. Esse impossível, assim como a transferência, abre e fecha possibilidades. Só é possível falar a um sujeito, a um outro que se

preste a condição de objeto, por isso não se fala para as paredes, para um armário, é preciso que alguém se preste a transferência. E, nesse sentido, não se pode excluir de todo o sujeito, mas esse também não pode aparecer de todo nesse manejo.

Lacan certa vez nos diz, no Seminário 11, “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, que o sujeito aparece para desaparecer. Metaforizando, talvez seja isso que Freud nos aponta ao salientar que o sujeito tem que aparecer na sua própria análise, para desaparecer na escuta analítica. Mas se não aparece de todo, também não desaparece de todo. Alias a psicanálise sempre se mostrou avessa as totalizações.

Com esse artigo não pretendo fechar a questão, assim como não se fecha o inconsciente, não tenho uma solução a propor. Apenas compartilho essa questão que não há de ser apenas minha, mas de todos os analistas. Uma autora me marcou muito ao dizer: “o que fazer diante da angústia do analista?” ao que ela responde com o acolhimento e a delicadeza que só se pode ter diante do impossível: “continuar”. É isso o que posso dizer diante dessa experiência: “continuar”.

Pra finalizar digo que fui tomada de surpresa a pouco tempo, com a notícia de que essa mesma autora que nos dizia “continuar”, pulou de uma janela colocando um basta a toda e qualquer possibilidade de continuação, calou a toda perspectiva da perpetuação não só do analista, mas também do sujeito e da vida. Diante do real da morte, sobre o qual nada temos a dizer, a reivindicar, a perguntar, só temos uma coisa a dizer: “continuar”.

## **Referências**

FREUD, S. (1912/1989) A dinâmica da transferência. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. 12.

\_\_\_\_\_. (1914/1989). Recordar, repetir e elaborar. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. 12.

\_\_\_\_\_. (1915[1914]/1989). Observações sobre o amor transferencial. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. 12.

LACAN, J. (1958/1998). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

\_\_\_\_\_. (1964/1998). *O Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

\_\_\_\_\_. (1967-1968/s.d.). *O Seminário, livro 15. O ato psicanalítico*. (Versão anônima).

## THE TRANSFER AND ITS CLINICAL MANAGEMENT

### ABSTRACT:

Freud caveat that the only serious difficulties that the analyst has to face reside in transfer management. From the presentation of a clinical case, discussed the importance of management, for being pregnant with consequences, and that for better or for worse. This is a review of management can happen, but it is also through this same process can be interrupted. Lacan clarifies that the analyst does not occupy place of subject, object and cause of desire, support of investments of the analysand, this guy, that ai is to appear with your questions. However, the experience of the transfer leaves us adrift, and the only recommendation that Freud gives us, is something that targeted investment analyst can only be handled by the experience of his own analysis, not trying to get back what you hear with the conservatism of our psychic reality.

**KEYWORDS:** analysis. Transference. clinical management.

## LE TRANSFERT ET SA PRISE EN CHARGE CLINIQUE

### RÉSUMÉ:

Freud caveat qui seulement graves difficultés que l'analyste doit visage réside dans la gestion de transfert. De la présentation d'un cas clinique, discuté de l'importance de la gestion, pour être enceinte avec les conséquences et que, pour mieux ou pour le pire. Il s'agit d'un examen de gestion peut arriver, mais c'est aussi par ce même processus peut être interrompu. Lacan précise que l'analyste n'occupe pas la place du sujet, objet et cause du désir, soutien des investissements de l'analysant, ce mec, qu'la doit figurer avec vos questions. Toutefois, l'expérience du transfert nous laisse à la dérive, et la seule recommandation que Freud nous donne, est quelque chose qui a visé l'analyste investissement ne peut être géré par l'expérience de sa propre analyse, ne cherche pas à récupérer ce que vous entendez avec le conservatisme de notre réalité psychique.

**MOTS CLÉS:** analyse. Transfert. prise en charge clinique.

Recebido em: 08-10-2012

Aprovado em: 09-12-2012

© 2013 *Psicanálise & Barroco em revista*

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

*Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq*

*Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.*

*Memória, Subjetividade e Criação.*

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)